

APRESENTAÇÃO

SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA: PESQUISA COM CRIANÇAS*

ANA CRISTINA COLL DELGADO**

FERNANDA MÜLLER***

O campo da sociologia da infância tem ocupado um espaço significativo no cenário internacional,¹ por propor o importante desafio teórico-metodológico de considerar as crianças atores sociais plenos. Falar das crianças como atores sociais é algo decorrente de um debate acerca dos conceitos de socialização no campo da sociologia. Corsaro (1997, p. 18) afirma que a perspectiva sociológica deve considerar não só as adaptações e internalizações dos processos de socialização, mas também os processos de apropriação, reinvenção e reprodução realizados pelas crianças. Essa visão de socialização considera a importância do coletivo: como as crianças negociam, compartilham e criam culturas com os adultos e com seus pares. Isso significa negar o conceito de criança como receptáculo passivo das doutrinas dos adultos (James & Prout, 1997).

Prout (2004, p. 3-4) sustenta a idéia de que o encontro entre a sociologia e a infância é marcado pela modernidade tardia² e assim a sociologia da infância encontra-se perante uma dupla missão: criar espaço para a infância no discurso sociológico e confrontar a complexidade e ambigüidade da infância na qualidade de fenômeno contemporâneo e instável. Ele aponta, portanto, dois dualismos do campo. *Estrutura e ação*: a fundamentação da sociologia da infância baseada na idéia de que a infân-

* Agradecemos imensamente a colaboração das professoras Ivany Pino e Ana Lúcia Goulart de Faria na revisão desta apresentação do dossiê.

** Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e professora adjunta do Departamento de Educação e Ciências do Comportamento da Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG/RS). *E-mail*: anacoll@uol.com.br

*** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). *E-mail*: fernanda.muller@gmail.com

cia é uma construção social abandona o reducionismo biológico, substituindo-o pelo reducionismo sociológico, o que o autor compreende como algo problemático. *Ser e devir*: o caráter inacabado da vida dos adultos é tão evidente quanto o das crianças. Assim, as crianças e os adultos devem ser vistos como uma multiplicidade de seres em formação, incompletos e dependentes, e é preciso superar o mito da pessoa autônoma e independente, como se fosse possível não pertencermos a uma complexa teia de interdependências.

Considerando tais dualismos o sociólogo defende que é necessário intensificar a interdisciplinaridade dos estudos da infância, incluindo a psicologia crítica, na procura de um diálogo que explore pontos em comum e diferenças, bem como um envolvimento com as ciências médicas e biológicas. Para Prout (2004, p. 5) não há necessidade de separar arbitrariamente as crianças dos adultos, como se pertencessem a espécies diferentes, e ele propõe o uso da metáfora “rede”, baseado em Latour (1993), sugerindo que a infância pode ser vista como uma coleção de ordens sociais diferentes, por vezes competitivas, outras vezes conflituosas. Essas redes novas, segundo Prout (2004, p. 6), podem sobrepor-se e coexistir com outras mais antigas, mas também podem entrar em conflito entre elas. É por isso que uma das questões-chave reside em saber que tipo de rede produz uma forma particular de infância ou criança. Um outro conceito que Prout (idem, *ibid.*) apresenta é o de *mobilidade*, pois para ele não é possível perceber a variedade e complexidade da infância sem nos centrarmos no movimento, ou nos fluxos que delineiam a relação entre global e local, entre grande e pequeno, entre o grandioso e o mundano. Assim como as pessoas, as mobilidades transnacionais também envolvem fluxo de produtos, informações, valores e imagens com os quais as crianças interagem diariamente. Os processos de socialização cada vez mais complexos ocorrem a partir do momento em que as crianças de menor idade começam a passar grande parte do seu tempo fora do contexto familiar.

De forma geral, os sociólogos da infância compreendem a socialização de forma diferente do modelo vertical de imposição de Durkheim.³ Plaisance (2004, p. 3) critica a definição de educação de Durkheim, como uma socialização baseada na ação dos adultos sobre os mais jovens, de uma geração sobre a outra, por este modelo ser profundamente impositivo. Neste sentido, para Plaisance (idem, p. 4) as concepções contemporâneas de socialização insistem na construção do

ser social, por meio de múltiplas negociações com seus próximos, e na construção da identidade do sujeito. Do ponto de vista dessas concepções, a socialização é um trabalho do ator socializado que experimenta o mundo social. Esta noção de socialização é identificada, entre os sociólogos da infância, como um modelo interativo,⁴ e Corsaro (1997, 2003) defende os estudos *com* e não *sobre* as crianças. Ainda Jenks (apud James & Prout, 1997, p. 13) assevera que a transformação social da criança em adulto não segue diretamente o crescimento físico, como parece evidente no pensamento tradicional sobre a socialização, no campo da sociologia.

Esta noção de socialização na sociologia da infância estimula a compreensão das crianças como atores capazes de criar e modificar culturas, embora inseridas no mundo adulto. Se as crianças interagem no mundo adulto porque negociam, compartilham e criam culturas, necessitamos pensar em metodologias que realmente tenham como foco suas vozes, olhares, experiências e pontos de vista. A pesquisa etnográfica com crianças é uma possibilidade⁵ e Graue & Walsh (2003, p. 22) defendem a importância de que os investigadores pensem nas crianças em contextos específicos, com experiências específicas e em situações da vida real.

No Brasil temos um campo desenvolvido e legítimo de pesquisas em educação da infância⁶ e atualmente a sociologia da infância conta com alguns interlocutores brasileiros,⁷ que apresentaram algumas publicações na década de 1990. Ainda temos um longo caminho a trilhar no que se refere à consolidação da área da sociologia da infância no Brasil, o que Quinteiro (2000, 2002a, 2002b) já constatou em publicações recentes acerca da emergência de uma sociologia da infância no país.

Com este dossiê pretendemos desafiar os estudiosos da infância a consolidarem um campo que já tem espaço inaugurado nas discussões acadêmicas brasileiras. Também queremos apresentar pesquisas que defendem a escuta e enfocam as infâncias⁸ e as culturas infantis, com base em referenciais teórico-metodológicos desafiadores. Para os sociólogos da infância é importante considerar o ponto de vista das crianças nas pesquisas, o que também exige certo abandono do olhar centrado no ponto de vista do adulto. Compreendemos que há muitos desafios a superarmos nas pesquisas com crianças. Bastide (1961, p. 153, prefácio) perguntava: “O que somos nós, para as crianças que brincam ao nosso redor, senão sombras?”. Poderíamos apontar entre as principais

dificuldades a ultrapassar nas pesquisas com crianças as que estão relacionadas à:

1. *Lógica adultocêntrica*⁹ – Ser adulto implica aceitar a idéia de que para as crianças, por vezes, “somos como os móveis da casa, parte do cosmo exterior, não pertencemos a seu mundo, que tem seus prazeres e seus sofrimentos” (idem, *ibid.*). Segundo Graue & Walsh (2003, p. 17), os investigadores vêem as crianças como janelas abertas para as leis psicológicas universais ou como indicadores dos efeitos de tratamento de dados. Negando esta concepção os autores defendem a importância de que os investigadores pensem nas crianças nos seus contextos, nas suas experiências e em situações da vida real. Graue & Walsh (idem, p. 13) enfatizam que é necessário um interesse pelas crianças, pelos modos como negociam e interagem em grupos, ou seja, “o que se passa ‘entre’ elas, e não ‘dentro’ delas. Procuramos os significados das crianças e não dos adultos”.

2. *Entrada no campo* – Algumas pesquisas que retomamos neste dossiê nos ajudam, a partir de enfoques diferentes, a pensar nas aproximações iniciais com as crianças e, mais do que isso, que elas “são agentes ativos, que constroem suas próprias culturas e contribuem para a produção do mundo adulto” (Corsaro, 1997, p. 5). Corsaro (idem, p. 29) sempre perseguiu nas suas pesquisas *o que significa ser criança na escola*. Para isso, o autor utilizou o método de entrada reativa no campo, que consistia em entrar nas áreas de brincar das crianças e ficar esperando pelas suas reações. Alderson (2000) enfatiza que as crianças devem também ser consideradas pesquisadoras nas investigações orientadas pelos adultos, mostrando, com base em alguns exemplos, o quanto crianças e adolescentes são pesquisadores no seu cotidiano.

Para Graue & Walsh (2003, p. 10-11), o maior desafio dos investigadores das infâncias é o de *descobrir*: descobrir intelectualmente, fisicamente e emocionalmente é algo difícil quando se trata das crianças, pois a distância física, social, cognitiva e política entre o adulto e a criança tornam essa relação muito diferente das relações entre adultos. Os autores (idem, p. 21) ainda escrevem que é muito mais fácil construir uma série de argumentações de como as crianças são, apelando para a autoridade dos adultos ou aos campos do conhecimento que se direcionaram às leis universais, excluindo “os estudos das crianças nos seus contextos”.¹⁰ “Descobrir”, para estes pesquisadores, também tem um significado de desafiar o que a cultura sabe, e o que quer saber, e

exige procurar respostas em lugares que geralmente evitamos, por processos pouco conhecidos.

3. *Ética* – Em se tratando de pesquisas com crianças, a ética é um aspecto fundamental, pois é inegável que existe uma força adulta baseada no tamanho físico, nas relações de poder e nas decisões arbitrárias. A dimensão ética (Alderson, 2000; Kramer, 2002) garante à criança o direito de consentir ou não em participar da pesquisa. O uso de fotografias ou filmagem, as entrevistas com crianças e as análises dos dados segundo um ponto de vista adulto é algo autoritário. Podemos negociar com as crianças todos os aspectos e etapas das investigações: a entrada no campo e nossos objetivos, quais crianças querem realmente participar da pesquisa e contribuir com a coleta de dados. Alderson (2000) convida-nos a entender que crianças também são produtoras de dados, e podemos negociar com elas a divulgação das informações que obtemos nas pesquisas. Igualmente podemos discutir com elas como podemos divulgar os dados e como ofereceremos um retorno a partir dos resultados das pesquisas. Para Graue & Walsh (2003, p. 13), informar os outros deve ser algo que acontece logo no início do processo de descoberta e não deve parar nunca, assim o comportamento ético está intimamente ligado à atitude que cada um leva para o campo de investigação e para a sua interpretação pessoal dos fatos. Entendendo que entrar na vida das outras pessoas é tornar-se um intruso, faz-se necessário obter permissão, que vai além da que é dada sob formas de consentimento, e isso raramente é feito com as crianças.

Estas são algumas questões desafiadoras e que seguramente oferecem novas perspectivas no campo das pesquisas com crianças. Os artigos que constituem este dossiê ampliam esses desafios e também oferecem outras abordagens reflexivas no campo da sociologia da infância. Todos são inéditos no Brasil e foram escritos por pesquisadores com larga produção no campo. No conjunto dos textos encontramos pistas metodológicas que valorizam as crianças e apontam formas diferentes de fazer ciência, envolvendo as crianças como protagonistas deste processo. Neste sentido, apresentamos de forma resumida suas principais temáticas divididas em dois blocos de textos.

O primeiro bloco problematiza eixos teóricos conectados ao campo da sociologia da infância. Manuel Jacinto Sarmiento argumenta que a sociologia da infância entende a infância como objeto sociológico, resgatando-a das perspectivas biologistas e psicologizantes com base em duas

categorias sociológicas que são a alteridade e os grupos geracionais. Claude Javeau problematiza a delimitação das idades de crianças e jovens em torno das noções de “criança”, “infância” e “crianças”; esta última estaria ligada ao campo propriamente antropológico ou socioantropológico. Suzanne Mollo-Bouvier também questiona a delimitação das concepções de infância, enfatizando a socialização da criança na qualidade de sujeito social que participa de sua própria socialização, mas também da reprodução e da transformação da sociedade. Já Eric Plaisance indaga qual o lugar que pode ocupar a questão da “deficiência” no quadro da sociologia da infância. O sociólogo analisa a história da infância dita *deficiente* e as evoluções recentes, após 1975, sobre a escolarização procurando construir hipóteses complementares sobre a representação da criança portadora de “deficiência” e a alteridade da criança com relação ao adulto.

O segundo conjunto de trabalhos igualmente se articula teoricamente à sociologia da infância, como também apresenta diretrizes metodológicas no trabalho com e sobre as crianças. Priscilla Alderson faz uma revisão da literatura internacional, considerando três áreas principais: as etapas do processo de pesquisa, nos quais as crianças podem ser envolvidas; os níveis de participação das crianças; e o uso de métodos que podem aumentar o envolvimento das crianças na pesquisa respeitando seus direitos. William Corsaro apresenta sua pesquisa etnográfica comparativa entre crianças pré-escolares nos Estados Unidos e na Itália, focalizando a sua entrada no campo como membro participante; a abertura do seu método de coleta de dados para a entrada direta das crianças; e o conceito de etnografia longitudinal, que tenta captar os períodos de transição-chave das vidas das crianças.

Patrick Rayou discute as estratégias metodológicas que utilizou durante 12 anos em pesquisas sobre a socialização das crianças e dos jovens com diferentes níveis de escolarização, quando sempre se preocupou em escapar do adultocentrismo. Cléopatre Montandon desenvolve o estudo da experiência das crianças e seus pontos de vista, com base em duas pesquisas: as experiências das crianças no quadro familiar e escolar e o desenvolvimento da autonomia das crianças. Marianne Gullestad argumenta que não se estudou suficientemente o lugar das recordações da infância nos relatos autobiográficos. As histórias de vida, as análises da relação entre a narratividade e o social, o trabalho de memória e de textualização são fontes que se tornam essenciais para a compreensão das experiências infantis, em particular para entender o ponto de vista das crianças. Por

último, Régine Sirota apresenta sua investigação etnográfica sobre os aniversários na infância, constatando que ocorre um trabalho de socialização realizado por este ritual que reúne, geralmente, crianças da mesma idade, assim como cada ator social (crianças, familiares, amigos) participa da construção social desse ritual.

O conjunto destes textos certamente contribui nas pesquisas com crianças, mas eles também indicam que nossos contextos históricos, sociais e culturais apresentam peculiaridades que devemos considerar em nossas investigações. Não podemos ignorar que as pesquisas e os dados analisados remetem à realidade americana e européia. Entretanto, os estudos desenvolvidos provavelmente interessam aos educadores e pesquisadores da infância no Brasil e o principal objetivo deste dossiê é ampliar as reflexões concernentes às pesquisas com foco nas crianças e suas culturas, em vez de estabelecer comparações. No Brasil temos um longo caminho a percorrer, no que se refere às pesquisas *sobre e com* as crianças, suas experiências e culturas. Provavelmente as crianças sabem bem mais sobre os adultos e as instituições, embora ainda compreendamos pouco sobre suas idéias acerca das pedagogias, ou sobre o que elas pensam dos adultos e das escolas que criamos pensando nelas e nas suas necessidades. Esperamos que esta publicação desencadeie novas pesquisas e olhares sobre as experiências e o ponto de vista das crianças no mundo contemporâneo.

Notas

1. Podemos citar algumas universidades e associações: A Universidade do Minho/Portugal conta com o Instituto de Estudos da Criança. Mais informações podem ser obtidas no *site*: <http://www.iec.uminho.pt>. Na International Sociological Association (<http://www.ucm.es/info/isa/rc53.htm>) existe um grupo de pesquisa em sociologia da infância, cujo principal objetivo é contribuir para a pesquisa sociológica e interdisciplinar sobre a infância. A Association Internationale des Sociologues de Langue Française (AISLF) (<http://www.univ-tlse2.fr/aislf/gt20>) agrega atualmente um grupo de sociólogos e pesquisadores no Grupo de Trabalho Sociologia da Infância, criado em 2000 após um congresso em Québec (GT 20).
2. Prout refere-se à modernidade tardia com base em Bauman (1991).
3. Para uma maior aproximação ao pensamento do autor, sugerimos Durkheim (1978, 1982, 1995).
4. Em alguns textos encontramos outras nomenclaturas como “interpretativo” ou “construtivo”.
5. Corsaro (1997, 2003) incorpora à pesquisa etnográfica um caráter longitudinal. O autor considerou em algumas de suas pesquisas nos Estados Unidos e na Itália a idéia de acompanhamento de um grupo de crianças por longo tempo, tentando se apropriar de períodos de transição em suas vidas.

6. Embora motivadas pelo estado da arte dos trabalhos no campo da sociologia da infância, realizados por Sirota (2001) e Montandon (2001) em língua inglesa e francesa, não é nossa intenção inventariar a produção brasileira sobre infância em conexão com a sociologia, como também com a educação, história, psicologia, antropologia e outras áreas. É possível consultar trabalhos individuais e de grupos de pesquisa, a partir do início da década de 1990, em *sites* tais como www.anped.org.br e www.scielo.org.br.
7. Castro (1998, 2001); Kaufman & Rizzini (2002); Rizzini (2004); Quinteiro (2000, 2002a, 2002b); Sarmiento & Cerisara (2004).
8. James & Prout (1997, p. 8) elucidam alguns pontos que caracterizam um paradigma emergente da infância. Ao afirmarem que o conceito de “infância” não corresponde à idéia de imaturidade biológica, os autores negam a idéia de uma característica natural e universal dos grupos humanos, mas a consideram um componente estrutural e cultural de muitas sociedades. Assim, as análises de diversas culturas revelam uma variedade de infâncias em vez de um fenômeno único e universal. Logo, nosso texto considera esse conceito de James & Prout, como também de Barbosa (2000, p. 84), que afirma: “Falar de uma infância universal como unidade pode ser um equívoco ou um modo de encobrir uma realidade. Todavia uma certa universalização é necessária para que se possa enfrentar a questão e refletir sobre ela, sendo importante ter sempre presente que a infância não é singular, nem é única. A infância é plural: infâncias”.
9. É importante salientar que, nos anos de 1970, a pesquisadora brasileira Rosemberg (1976, p. 1.466-1.471) já criticava a *postura aduloocêntrica* nos estudos sobre a criança, sobretudo na psicologia.
10. Para os autores (Graue & Walsh, 2003, p. 30), investigar as crianças em contexto significa considerar que as coisas que pretendemos descobrir estão situadas histórica, social e culturalmente. É preciso considerar a natureza contextualizada do processo de investigação – sujeitos, investigadores, o esforço desenvolvido (idem, p. 13-14). Eles defendem a necessidade de se realizarem estudos que localizem a experiência das crianças em contextos históricos e culturais específicos.

Referências bibliográficas

ALDERSON, P. Children as researchers: the effects of participation rights on research methodology. In: CHRISTENSEN, P.; JAMES, A. (Ed.). *Research with children: perspectives and practices*. London: Falmer, 2000. p. 241-255.

BARBOSA, M.C.S. *Por amor & por força*: rotinas na educação infantil. 2000. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. (versão digital).

BASTIDE, R. As ‘trocinhas’ do Bom Retiro (prefácio). In: FERNANDES, F. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. São Paulo: Anhembi, 1961.

BAUMAN, Z. *Modernity and ambivalence*. Cambridge, Mass: Polity, 1991.

- CASTRO, L.R. *Infância e adolescência na cultura do consumo*. Rio de Janeiro: NAU, 1998.
- CASTRO, L.R. (Org.). *Crianças e jovens na construção da cultura*. Rio de Janeiro: NAU; FAPERJ, 2001.
- CORSARO, W. *The sociology of childhood*. California: Pine Forge, 1997.
- CORSARO, W. *We're friends, right?: inside kids' cultures*. Washington, DC: Joseph Henry, 2003.
- DURKHEIM, E. *Educação e sociologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- DURKHEIM, E. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Nacional, 1982.
- DURKHEIM, E. *A evolução pedagógica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- GRAUE, E.; WALSH, D. *Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- JAMES, A.; PROUT, A. A new paradigm for the sociology of childhood?: provenance, promise and problems. In: JAMES, A.; PROUT, A. *Constructing and reconstructing childhood*. London: Falmer, 1997.
- KAUFMAN, N.H.; RIZZINI, I. *Globalization and children: exploring potentials for enhancing opportunities in the lives of children and youth*. New York: Klumer Academic; Plenum, 2002.
- KRAMER, S. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 116, p. 41-59, jul. 2002.
- LATOUR, B. *We have never been modern*. Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf, 1993.
- MONTANDON, C. *L'éducation du point de vue des enfants: um peu blessés au fond du coeur...* Paris: L'Harmattan, 1997.
- MONTANDON, C. Sociologia da infância: balanço dos trabalhos em língua inglesa. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 112, p. 33-60, mar. 2001.
- PLAISANCE, E. Para uma sociologia da pequena infância. *Educação & Sociedade*, Campinas, n. 86, p. 221-241, jan./abr. 2004.

PROUT, A. *Reconsiderar a nova sociologia da infância*. Braga: Universidade do Minho; Instituto de Estudos da Criança, 2004. (texto digitado).

QUINTEIRO, J. *Infância e escola: uma relação marcada por preconceitos*. 2000. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

QUINTEIRO, J. Infância e educação no Brasil: um campo de estudo em construção. In: FARIA, A.L.G.; DEMARTINI, Z.B.F.; PRADO, P. (Org.). *Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças*. Campinas: Autores Associados, 2002a.

QUINTEIRO, J. Sobre a emergência de uma sociologia da infância: contribuições para o debate. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 20, n. esp., p. 137-162, jul./dez. 2002b.

RIZZINI, I. *Infância e globalização: análise das transformações econômicas, políticas e sociais*. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Estudos da Criança, 2004. (texto digitado).

ROSEMBERG, F. Educação para quem? *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 28, n. 12, p. 1466-1471, 1976.

SARMENTO, M.J.; CERISARA, A.B. *Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*. Porto: Asa, 2004.

SIROTA, R. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 112, p. 7-31, mar. 2001.